



CONTEÚDO

SENSÍVEL

ALERTAS DE GATILHO:

Suicídio

Alucinações

Desrealização

Enforcamento

Desmembramento

Envenenamento

Assassinato



PROCEDA COM CAUTELA & BOA LEITURA!

O MÉDICO REAL

anita

Constance, um nobre galeão sequestrado e rebatizado de Lúgubre Consorte nas mãos dos piratas em 1720, teve o destino cruel de uma donzela arrancada do caminho virtuoso. Entretanto, tanto fez que pareceu ter se afeiçoado a essa nova vida de liberdade e anarquia, até ser dominado — leia-se afundado — pelas autoridades em 1725.

Toda a tripulação do nefasto Capitão Mortimer foi enforcada em um ato louvável de justiça divina representada na Terra. Irredutíveis e zombeteiros, tombaram bradando e maldizendo Deus, a Rainha e a única alma viva que encontrou salvação de suas vilanias.



Registros pessoais do Cirurgião Charles Atkins

O corpo do pirata Percy Dickson revelou uma engenhosa surpresa durante o procedimento de autópsia.

As tatuagens do morto formaram um mapa possível de ser desvendado somente após sua morte. Concluo isso porque um dos fragmentos necessários se encontrava dentro de uma minúscula garrafa em seu estômago.

O X característico do tesouro estava convenientemente alojado dentro de seu olho de vidro, sendo a parte que me tomou mais tempo e disposição para descobrir.

Mesmo com essas dificuldades, montei o quebra-cabeça em menos de vinte e quatro horas e mais uma vez fui surpreendido: o local indicado encontra-se em terra firme, na periferia da cidade. Imagino se é o esconderijo onde ele acumulou a fortuna das pilhagens, ansiando por uma aposentadoria luxuosa.

Espero confirmar essa hipótese, pois a preocupação com o sustento em idade avançada é competência exclusiva dos vivos.

Londres, 13 de agosto de 1728.

Charles abriu os olhos repentinamente, sentindo as costas doloridas pela má posição em que dormira. Seu diário encontrava-se aberto sob seus braços, seu queixo apoiado de mau jeito sobre eles. Jogou-se para trás na cadeira com um gemido abafado, lamentando a idade que começava a pesar. Percebeu que a madrugada avançava.

Repassou detalhadamente o mapa que acabara de reproduzir no papel. O cadáver destrinchado de Percy espalhava no ambiente seu odor de carniça e secreções, banalidades que há décadas não incomodavam o cirurgião. Os pedaços de pele onde o mapa estava tatuado não eram mais necessários e foram despejados no incinerador. O resto do corpo seria despachado logo em seguida, tendo cumprido sua inestimável função.

Deus salve a misericordiosa Rainha. – murmurou o médico com um meio sorriso, guardando o mapa no bolso e vestindo sua cartola e manto.

A cidade noturna, fria e sem vento, era como um cadáver embalsamado na neblina. Em meio a esse espesso e peculiar *fog*, Charles se movia pelas ruas como um verme se move na carniça. Sua silhueta alta e fina se confundia com as sombras longas dos postes, pouco ameaçadas pela débil luz de seu lampião, suficiente para iluminar apenas poucos metros à frente de seus olhos.

Semelhante à luz trêmula de um navio em noite de tempestade, quando as cordas lanhavam as mãos dos marinheiros, os tombos causavam concussões e fraturas e a água fria trazia gripes fatais pela manhã.

Os unguentos resolviam os casos mais leves e ocasionalmente uma amputação era necessária, normalmente após saques e batalhas. Porém, por vezes uma morte rápida era mais requisitada e eficiente do que uma cura pouco provável.

Assim sendo, cirurgiões de navios piratas acabavam tão ou mais assassinos quanto seus colegas de viagem.

Um rato passou rapidamente aos pés de Charles assim que ele entrou na região das docas. Piscou, livrando-se de devaneios tediosos, e checkou novamente o mapa. Respirou fundo, ignorando os navios atracados que pareciam observar seus passos. Não daria ouvidos à parte irracional de seu cérebro que ordenava manter os olhos longe das amuradas, de onde os fantasmas esperavam uma chance para arrastá-lo ao Lado de Lá.

Mas não a ele, um filho legítimo da Inglaterra, um devoto da Rainha e da Santa Igreja, um respeitável médico que se tornara conhecido na nobreza em tão pouco tempo e que já enxergava na esquina mais próxima a chance de exercer a profissão no palácio...

Toc. Toc. Toc. Toc. Toc.

Um toque ritmado e seco de madeira surgiu logo que desceu as escadas, para o local mais antigo e menos utilizado.

Toc.

Toc.

Toc.

Aproximava-se.

Em um movimento rápido, o médico cobriu o lampião com a capa e deitou a mão na pistola oculta nas vestes. Mal o fez, sentiu um cheiro de gato morto escaldado forte a ponto de se sobressair ao característico odor do porto.

A ponto de causar uma vertigem sem igual a um homem resistente a pior das tempestades e ao mais putrefato defunto.

– Ei, cirurgião!

A Sorte é uma dama volúvel e imprevisível. Ao invocá-la, deve-se guardar o devido respeito para não aborrecê-la e acabar sofrendo consequências desafortunadas. Sendo sua natureza tão semelhante à do mar, não é surpresa que os piratas sejam mestres desse cortejo, verdadeiros cavalheiros da sorte.

Phill era um desses que se dizia agraciado pessoalmente pela Sorte, e realmente sua vida relativamente longa estampava-se em suas rugas e cicatrizes. Cego do olho esquerdo e com o quadril desconjuntado, agora adicionava uma amputação à coleção de sequelas. Mas não tirava o sorriso dos dentes amarelos e falhos, pois jamais faria pouco caso da graça de sua Dama.

Ele coçava a barba e elogiava a operação bem-sucedida, soltando um riso rouco e batendo na coxa direita, um pouco acima da prótese de madeira que substituíra o restante da perna. O fedor de suas roupas surradas fazia jus à alcunha do “Gato Afogado”.

A cena se repete em um canto escuro das docas de Londres, três anos após seu enforcamento. Mas sua palidez mórbida denuncia que a conclusão será diferente.

Você sabe, velho Cirurgião, que eu não
maldigo minha sorte. Eu não reclamo de
como terminei. Eu sabia o que você faria.
Não foi nenhuma surpresa.

Um tiro, dois, três.

Certeiros e precisos, mas Phill não caiu.

– Mas Cirurgião...

“não foi surpresa”
é bem diferente
de “não guardei
rancor.”

Mais três tiros acompanhados de três passos para trás, sem tirar os olhos do marinheiro perneta. Repentinamente, um estalo de madeira sob os pés, e Charles sentiu-se naufragar como um navio abatido. Em algum canto de sua mente, estranhou a profundidade – e se perguntou por que vestira justamente sua capa mais grossa e pesada.

E os outros estão ainda mais zangados do que eu, pois lhe atribuem a sorte que tiveram.

Ecoando essa sentença profética, o mundo de Charles escureceu.

Um dia aquele Silver aparecerá aqui também, e nesse dia...

O velho John tinha um navio galante, e todas as meretrizes do cais...

Até que uma corda ligeira fez o John ser passado pra trás...

De olhos fechados, Charles discernia a algazarra dos piratas espalhados pelo porto, a música ruim e o odor marítimo misturado ao perfume barato de prostitutas. Em terra, eles não passavam de arruaceiros da pior espécie, causando todos os tipos de problemas e lembrando-o de que vivia entre proscritos da sociedade, apesar de sua educação superior.

Mas graças a isso, posso trabalhar livre de moralismos desnecessários. É o preço a se pagar pelo avanço científico... Mas... O que há com essa cama, mais dura do que o usual...

Moveu os ombros, fazendo uma leve careta e abrindo um dos olhos. Os borrões que enxergou pareciam enganar seus sentidos, mas quando se viu totalmente alerta, ainda duvidou do cenário descortinado por eles.

Grupos de piratas jogavam, bebiam, cortejavam e discutiam, o que a princípio era completamente normal, tirando o fato de que alguns estavam apodrecendo e outros eram esqueletos com vestes rasgadas e puídas, que o chão e os objetos eram feitos de velhas ossadas e que as garrafas estavam cheias de areia, não de rum. A atmosfera viciada como uma nuvem de carne podre não incomodava as criaturas, que continuavam a cantoria ser dar atenção ao aterrorizado recém-chegado ajoelhado na beira de um mar sem ondas.

Charles levantou-se cambaleante, o ambiente bizarro rodopiando ao seu redor. Sua capa e cartola haviam sumido e dado lugar a uma veste simples de viagem. Calçava botas de couro em vez dos sapatos lustrados e seu longo rabo de cavalo caía pelo ombro; reconheceu com asco que tudo estava assustadoramente conforme sua época de trabalho em alto-mar.

O que... É isso...? Onde... Eu... Estou...?

Onde mais poderia estar?

Apesar de tê-la enterrado no fundo de seu espírito junto com tudo que julgava indigno, Charles reconheceria aquela voz em qualquer situação. Para seu próprio desgosto, olhou para o lado e viu um pirata mais alto e forte que ele com os braços abertos em uma cordialidade exagerada. Sua pomposa figura de capitão não trazia nada de cadavérico ou anormal, excetuando-se, entretanto, o nó de enforcado pendurado em seu pescoço.

Bem-vindo a Londres, velho amigo!
A NOSSA Londres!

BWAHUA BWAHUA BWAHUA!

faz tempo mesmo, hein Atkins... Mas eu não esqueci... É burrice dar as costas ao passado, não é? É como...

- é como dar as costas a um pirata,
não concorda, cirurgião da peste???

Incapaz de conter o grito horrorizado, Charles desatou a correr pela paisagem desconhecida ao som das risadas vingativas do capitão putrefato.

[illegible]

Tão rouca e forte que poderia ser comparada à gargalhada de um tuberculoso insano. Incontáveis vítimas do capitão G. Mortimer a tiveram como marcha fúnebre antes de serem jogadas ao mar, ceifadas pela espada, à bala... ou encontrarem um destino ainda mais tenebroso no interior de seu navio.

Eu não me importo com que tipo de heresia você faz no seu porão, Atkins, contanto que meus subordinados não morram por conta de um furinho de nada.

E sabe o que mais? Até que eu gosto da ideia de ameaçar os pestes com um cafuné do seu bisturi ao invés da prancha. Muuuuito efetivo... e divertido!

BWAHUA BWAHUA BWAHUA BWAHUA BWAHUA

BWAHUA BWAHUA BWAHUA BWAHUA BWAHUA

BWAHUA BWAHUA BWAHUA BWAHUA BWAHUA!

Tão característico a Mortimer era seu riso sádico que sua própria marcha fúnebre não poderia ser outra. Partiu com ele no momento do enforcamento, como um legado. Ou, mais apropriadamente, uma maldição.

Sentindo a força dessa maldição esmagando sua mente, o médico corria sem direção certa.

A presença dos esqueletos e cadáveres transitando em um sórdido burburinho se dissolvia, pois o cenário infernal não era nada comparado aos sussurros de sua consciência: as palavras do perneta sem sorte, a risada do líder sádico e as pragas jogadas pelos condenados do passado se mesclavam em um redemoinho de ódio e escárnio.

Corra o quanto quiser.

A balbúrdia em seus ouvidos amainou até restar apenas o sussurro cínico de Mortimer, capaz de fazer o mais esnobe cirurgião encolher os ouvidos.

O cheiro de sal e sangue que exalamos
nos conduz ao mesmo porto inescapável.

É verdade. Não há saída.

Claro. Depois de tantos pecados
cometidos por seu bisturi...

Aliás... falando nisso, ele está
aí, não está?

Charles sentiu o peso da pequena lâmina em seu bolso. A condutora de sua habilidade técnica, que manuseava tão bem quanto uma parte de seu corpo.

É só o que lhe resta.

A voz tão amigável tinha razão. Por que insistir com o calvário?

Sorriu.

O toque gelado da prata entre os dedos, notou, era o único carinho que conhecia. De uma infância solitária e fadada a cumprir expectativas, nasceu uma juventude empenhada a investir toda energia em um único objeto.

Diferente do que alguns acreditavam, não existira um momento, um gatilho, um trauma responsável por tornar o entusiasmo em obsessão; apenas um processo lento e contínuo que impregnara completamente mente e alma.

Agora que a lâmina fria encostava-se ao pescoço e fragmentos de memória dissipavam-se serenamente, tinha certeza disso. Não que fizesse diferença, pois logo tudo desapareceria, do primeiro filhote dissecado no porão à última anotação em seu diário.

"O corpo do pirata Percy Dickson revelou uma engenhosa surpresa durante o procedimento de autópsia."

Realmente... escavara o corpo de Percy mais do que o necessário.

Mas por que mesmo?

A angústia semelhante à de um sonho lúcido preenchia o vazio, dúvidas retornavam acompanhadas de um terrível medo. Precisava superá-los. Precisava se concentrar nos motivos.

Havia algo em seu bolso além do bisturi.

Os ecos das palavras escritas em algum lugar do passado guiaram seus movimentos até que tocasse a aspereza do papel.

A mão que segurava a lâmina relaxou, derrubando-a, salpicada de sangue. Até então mal sentira a pressão em sua própria garganta, mas agora o pequeno corte latejava o suficiente para reavivar o instinto de autopreservação.

“... a preocupação com o sustento em idade avançada é competência exclusiva dos vivos...”

e eu ainda estou vivo.

Puxou longamente o ar dos pulmões e desdobrou o mapa que reproduzira anteriormente – há muitos anos ou ontem? Não importava.

*O tesouro de Percy Dickson oculto na
periferia das docas. É meu objetivo, e não
importa se está além do inferno; pois o
inferno não é novidade para mim. Já fui
longe demais para me acovardar agora.*

Sim, traíra a tripulação de Mortimer. Mentira para eles e para o governo sobre suas reais intenções e vivera quando deveria ter morrido, ganhando uma posição ilegítima baseada em habilidosas mentiras.

... e daí?

Um sorriso de escárnio desenhou-se. Blindado com a obsessão que guiara toda sua vida, Charles Atkins podia caminhar de rosto erguido entre almas igualmente perdidas.

**Vocês
mereceram,
imbecis.**

- Um lugar? Você disse que se lembra de um lugar? Um ponto específico, marcado em um mapa e tudo? Um mapa que veio com você?

- Vejo que memorizou bem minhas palavras, dada a precisão com que as repetiu. - Charles respondeu com um toque de ironia ao marinheiro estirado sobre um barril de cidra apodrecido. Ele mantinha sua caneca empoeirada suspensa no ar, encarando o médico com ar curioso.

- Bem, é a primeira vez que vejo alguém com uma lembrança tão forte por aqui. Se for tão importante, melhor correr antes que desapareça, savvy? - virou a caneca em um gole, sorvendo a areia que logo em seguida deslizou pelas costelas expostas - Uma coisa dessas só pode ser resolvida pela Rainha.

- E vocês têm uma Rainha? - Charles levantou a sobrancelha, estranhando mais o respeito de um pirata pela Rainha do que a efetiva existência dela.

- Aqui é Londres, amigo! É claro que tem a Rainha! - ele abriu os braços e soltou um riso rouco e debochado, como se aquilo fosse óbvio demais para ser comentado.

- Que seja. Tenho pressa mesmo, e se é o que preciso... onde posso encontrá-la?

- Simples. Procure pelas cabeças abaixadas. - ele apontou uma direção com o dedo podre - Vai reconhecer no momento que as ver.

Julgando que não arrancaria mais nenhuma informação útil do pirata em decomposição, Charles retomou a marcha na direção indicada. Sentia sua própria pele descascar-se e o pulso diminuindo o ritmo pouco a pouco, o que aumentava seu senso de urgência.

Precisava sair dessa Londres antes que fosse tarde demais para seu corpo.

Impossível saber o quanto andara e onde estava exatamente quando um silêncio inesperado começou a se impor. Aos poucos, as figuras disformes espalhadas por todo o lugar foram interrompendo seus afazeres caóticos até se voltarem a uma só direção e, com sincronia inacreditável, caírem ao chão de joelhos.

DEUS SALVE A MISERICORDIOSA RAINHA

— OH, MAS ESSE AQUI EU DESCONHEÇO!

Concentrado no fenômeno ao seu redor, o cirurgião não percebeu a voz feminina e estridente se dirigindo a ele, o único ainda em pé. Quando levantou os olhos, deu com uma figura feminina avantajada e grávida, usando largas vestes imperiais em frangalhos e uma peruca de cabelos pretos embaraçados. Ela o fitava com olhos vazios da loucura, trazendo um bebê em farrapos nos braços e nove crianças cadavéricas de diferentes idades agarradas às suas saias.

E não é que é mesmo a Rainha?

Vendo-se entre o assombro, o fascínio e o pastiche, Charles não evitou um sorriso e fez uma longa medida, como ditava a tradição e as boas maneiras. Afinal, ainda era um médico real.

- O que há com esse verme impertinente? Aja de acordo perante a Rainha, cão sarnento!

Uma voz trovejante ressoou e um solavanco atingiu o pescoço de Charles, fazendo-o cair de joelhos no chão áspero. Antes que entendesse o que se passara, o agressor surgiu por trás dele segurando-o pelo colarinho encardido. Embora apodrecido como outros, seus olhos mantinham uma faísca selvagem no rosto barbado e seu odor de mar e sangue era tão forte que se destacava mesmo na atmosfera impregnada de cheiros malditos.

- EDWARD, QUERIDO, É SÓ UM MANCEBO DESNORTEADO, SIM? DEIXE, DEIXE.

O comentário da Rainha fez o violento pirata largar o médico, bufando, e fazer a volta para se postar ao lado dela. Nesse movimento, Charles viu que mais seis crianças o seguiam e juntavam-se às outras às saias da monarca.

- AGORA, MEU JOVEM, POR QUE TANTA PRESSA NESSA LONDRES ONDE O TEMPO NÃO IMPERA?

Notando que apenas a palidez exacerbada denunciava a real condição da Rainha, Charles cerrou os punhos e armou-se de toda sua disposição. Talvez a longa permanência naquele purgatório o estivesse perturbando, mas sua intuição gritava que, se havia uma saída, a mulher a sua frente detinha esse poder e ninguém mais.

- Se aqui é Londres e Sua Majestade é a gloriosa Rainha Anna da Grã-Bretanha, as antigas docas estarão em algum lugar, e encontrá-las é o que preciso mais do que qualquer coisa do mundo!

A Rainha soluçou, levando seu leque ao rosto.

— ORA! SE AINDA LHE RESTA UM LUGAR PARA IR, NÃO DEVE AQUI SE DEMORAR, CRIANÇA.

Ao fechar do leque, as crianças e Edward se afastaram, os ruídos cessaram e tudo pareceu desaparecer ao redor do cirurgião, exceto os olhos vazios da matrona. Sua visão começou a embaçar enquanto ela erguia o braço em um gesto de autoridade.

**VOCÊ TEM MINHA PERMISSÃO PARA
DEIXAR LONDRES, CIRURGIÃO E
EMBUSTEIRO CHALES ATKINS!**

A ordem atingiu Charles como uma explosão, e mais uma vez ele sentiu o chão sumir sob seus pés em uma queda infinita. O sorriso e as palavras da Rainha se perdiam como em uma névoa fugaz, assim como a noção de que não dissera nomes ou motivações na rápida conversa.

SE O PESO QUE CARREGA NÃO O TROUXER DE VOLTA, O MÉRITO É TODO SEU.

Um balançar leve e ritmado como um embalo materno aos poucos se apoderava dos sentidos que despertavam. Entretanto, ao invés do característico calor gentil, um frio fustigante obrigava o corpo a mover-se abruptamente sob calafrios. Além disso, o odor de ferro era incômodo o suficiente para reviver ecos desagradáveis.

O cheiro de mar e sangue que exalamos...

A maldita frase foi o impulso que faltava para Charles jogar-se para frente, como que atingido por um solavanco. A visão embaçada aos poucos se clareou, e a dor forte na parte de trás da cabeça terminou de trazê-lo de volta à realidade.

Tudo parecia fazer sentido. As roupas ensopadas e a ferida leve eram um preço barato a se pagar pela explicação lógica que encontrava: tropeçara em uma madeira apodrecida e batera a cabeça, caindo desacordado no raso por alguns minutos e espalhando um pouco de sangue n'água. Apesar da dor no corpo pela posição desconfortável, o mapa estava a salvo em sua casaca e apenas isso importava. Sorriu, sentindo-se vitorioso sem um motivo claro.

*Talvez tenha sido um sonho tempestuoso e nada mais.
Embora certamente eu tenha vencido no final.*

Satisfeito, recuperou sua cartola e o lampião ainda aceso caído na ponte, misturando-se novamente à escuridão solitária do porto.

Talvez o desmaio na água gelada esteja me causando uma leve febre...

Seguindo à risca as indicações do mapa e superando a tontura que aumentava a cada passo, não esperava descobrir caminhos tão imprevisíveis desembocando em um velho e esquecido navio, no qual um grande rombo no casco atestava sua forçada aposentadoria. Por um instante identificou-se com ele, desatino que atribuiu à febre.

Aqui se encerra meu destino final. Isso eu sou capaz de jurar.

Não precisou procurar demais ao entrar no cadáver oco de madeira apodrecida. A um canto, o X marcado no mapa combinava-se com o tampo de uma caixa simples, facilmente ignorável por desavisados. Como e porque aquele local fora escolhido por Percy, foi uma curiosidade fugaz na mente do médico, desaparecida assim que o débil lacre se desfez.

Jamais contaria com a possibilidade de um pirata esconder com tanto cuidado algo tão peculiar.

Entre curiosidade e desapontamento, agarrou o pequeno frasco de vidro envolvido cuidadosamente em um pergaminho, o único conteúdo da caixa. Desenrolou cuidadosamente o pequeno bilhete, sem saber se encontraria a solução do mistério ou o começo de outro.

Depois de uma vida vivida para trair, roubar e torturar cheguei ao último porto. Mas sabemos que não deve ser tão pior do que os estábulos a que estamos acostumados.

Agora que está cansado de vagar a esmo e sua herança é apenas o ódio dos inimigos e as dívidas não pagas, é chegado o dia da fuga definitiva. A dose exata para tudo terminar como deveria, da maneira que escolhi. Vemo-nos no inferno, cavalheiro da sorte.

***De mim para mim mesmo,
em algum lugar do passado.***

Apesar de tremida, a caligrafia trazia verdades que apenas o álcool é capaz de elucidar.

Fitou serenamente o líquido esverdeado que conhecia muito bem.

O nome Percy-alguma-coisa não significava nada. É um disparate acreditar que um marujo de baixo escalão pensara em algo tão refinado. Talvez ele nem tivesse existido, pra começar. Tanto faz.

Aquela era uma estratégia digna apenas do cirurgião e embusteiro Charles Atkins.

CORREIO MATINAL

Londres, 14 de agosto de 1728

CIRURGIÃO ENCONTRADO MORTO EM CIRCUNSTÂNCIAS MISTERIOSAS

Charles Atkins, médico cirurgião a serviço Real, foi encontrado morto ao raiar do dia pelos primeiros marinheiros que chegaram ao porto. Atraídos pelo número exagerado de ratos nas ruínas de um navio (que aguarda parecer oficial para ser definitivamente destruído), deram com o cadáver do pobre cirurgião. Todas as evidências apontam para o suicídio, apesar do baú e do mapa encontrado em seu bolso serem objetos suspeitos.

O caso de Charles Atkins ficou conhecido há alguns anos, quando foi o responsável pela captura e morte do bando de piratas pelo qual foi sequestrado. Astutamente utilizou sua inteligência a favor do bem e da justiça, enganando os brutos e os guiando para navios da Marinha de onde não podiam escapar.

Atkins atuou honradamente no tribunal garantindo o enforcamento de todo o grupo do terrível Capitão Mortimer, conseguindo assim um merecido perdão real e a possibilidade de exercer sua profissão dignamente em prol da Nação.

Este é um mistério que a Justiça se empenhará em solucionar, dadas às circunstâncias misteriosas e da dúvida se existem crimes envolvidos. Nesta hora, uma perícia está sendo realizada na residência do médico.



- Maldição de Low, mil vezes! O velho Phill não consegue fazer isso sozinho...

Sentado em um barril, o pirata pernetá tentava desajeitadamente recolocar sua prótese rústica e apodrecida, indiferente à cantoria dos esqueletos ao redor e a procissão da Rainha e suas crianças. Mas algo pareceu chamar sua atenção o suficiente para desviar-se da tarefa. Abriu um sorriso largo de dentes amarelos e falhos ao ver quem se aproximava.

- Ah! Olha só quem chegou bem na hora!

Um homem em vestes de pirata puídas e rasgadas, cabelos pretos longos presos em um laço e expressão vazia no rosto encovado parou em frente à Phill, segurando um bisturi enferrujado.

– *Eu demorei um pouco mais que outros... Mas estou aqui.*

- Bem-vindo a Londres, cirurgião! O velho Phill está precisando de você! Bwahuahua!

***As cantigas piratas
continuaram a entoar
improváveis histórias,
perdendo-se no horizonte.***

FIM

Palavras da autora

Olá! Obrigada por ter lido até aqui.

Este é um conto antigo que reli e decidi experimentar com diagramação e tipografia para contar a história de um jeito diferente.

Espero que tenham se divertido!

Todas as imagens, fontes e texturas são recursos grátis do próprio Canva.

Convido você a conhecer o meu site pessoal onde divulgo e publico minhas criações originais e ofereço meus serviços:

terceiraforma.neocities.org

Curitiba, 2025.